





Empreendedorismo migrante: o mundo do trabalho e a migração venezuelana em Boa Vista/RR

Migrant entrepreneurship: the world of work and Venezuelan migration in Boa Vista/RR

Alexandre Henrique Rodrigues Porto¹ , Max André de Araújo Ferreira² , Danielle Palheta dos Santos³ 
e Cassius Klay Silva Santos⁴ 

¹ Universidade Federal de Roraima - UFRR, Graduando em Ciências Contábeis. Email: alexandre.hrp@gmail.com

² Universidade Federal de Roraima - UFRR, Doutor em Sociedade, Cultura e Fronteiras – UNIOESTE, professor do Departamento de Ciências Contábeis – UFRR. E-mail: max.andre@ufr.br

³ Universidade Federal de Roraima - UFRR, Mestranda em Sociedade e Fronteira – UFRR. E-mail: palhetasantos00@outlook.com

⁴ Universidade Federal de Roraima - UFRR, Doutor em Ciências Contábeis – UFRR, professor do Departamento de Ciências Contábeis – UFRR. E-mail: cassius.santos@ufr.br

RESUMO

O empreendedorismo pode surgir por diferentes motivos, seja por questões relacionadas ao desemprego, precarização do trabalho, contextos econômicos e sociais, ou o desejo de ser dono do próprio empreendimento. Adiciona-se ainda, o fato dos processos de migração para localidades próximo de fronteiras com outros países, em que as condições vividas podem impulsionar o comportamento migratório e com isso estimular a busca por alternativas de renda e sustento. Essa é uma condição observada em Boa Vista capital de Roraima, estado que é porta de entrada para migrantes venezuelanos, que muitas vezes não tem condições de deslocar-se para outros estados ou cidades e passam a residir na cidade da capital. Nesse sentido, o objetivo deste estudo é investigar os fatores que impulsionam o surgimento de empreendimentos por migrantes venezuelanos em Boa Vista-RR. Para atender ao objetivo de pesquisa a coleta de dados foi realizado por meio de entrevistas com migrantes venezuelanos que são residentes na cidade de Boa Vista, no estado de Roraima. Posteriormente, as entrevistas foram transcritas e analisadas de forma qualitativa, identificando elementos que apontassem, na fala dos participantes, os fatores que os levaram a serem empreendedores em um novo país. Os resultados observados destacam que, dentre os participantes da pesquisa, o empreender tornou-se uma estratégia suprir suas necessidades econômicas e as de seus núcleos familiares. Além disso, observou-se que a precarização do mercado de trabalho e das condições sociais favorece a essa prática empreendedora de migrantes venezuelanos em Boa Vista/RR. Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para aprofundar a discussão e o conhecimento científico sobre as problemáticas relacionadas ao empreendedorismo, assim como sobre aquelas que emergem da crise migratória.

Palavras-chave: Empreendedorismo migrante. Mundo do trabalho. Venezuelanos.

ABSTRACT

Entrepreneurship may arise from various motivations, including unemployment, precarious labor conditions, adverse economic and social contexts, or the desire to own and manage one's own business. Additionally, migration processes, especially to regions near international borders, may be influenced by challenging living conditions that drive mobility and stimulate the search for alternative sources of income and subsistence. This situation is observed in Boa Vista, the capital of the state of Roraima, which serves as a primary entry point for Venezuelan migrants into Brazil. Many of these individuals are unable to relocate to other states or cities due to financial or structural limitations, resulting in their permanent settlement in the capital. In this context, the aim of this study is to investigate the factors that influence the emergence of entrepreneurial initiatives among Venezuelan migrants in Boa Vista, Roraima. To achieve this objective, data were collected through semi-structured interviews with Venezuelan migrants residing in the city. The interviews were transcribed and analyzed qualitatively, seeking to identify elements in participants' narratives that reveal the motivations behind their decision to engage in entrepreneurial activities in a foreign country. The findings highlight that entrepreneurship, for the participants in this study, emerged as a strategy to meet their own economic needs as well as those of their families. Furthermore, the precariousness of the labor market and social conditions in the host environment appears to contribute significantly to the adoption of entrepreneurial practices by Venezuelan migrants in Boa Vista, Roraima. It is expected that this research may contribute to deepening the discussion and advancing scientific knowledge regarding issues related to entrepreneurship, as well as those arising from the migration crisis.

Keywords: Migrant entrepreneurship. Labor market. Venezuelans.

1 INTRODUÇÃO

O processo de empreendedorismo passa por diferentes vertentes e relações, seja em relação a classificação da forma de se empreender em uma condição de oportunidade ou necessidade (Guimarães et al., 2022; Bandeira e Silva, 2023), e também pela questão da ausência do Estado quanto as responsabilidade e suporte aos empreendedores (Carmo et al., 2021).

A compreensão do empreendedorismo tem evoluído ao longo dos anos, possibilitando o aprimoramento de sua abordagem científica. Diferentes estudos, estão sendo desenvolvidos buscando melhor entendimento sobre fatores, processos e características no empreendedorismo, nos últimos ano. Essas motivações seguem aspectos diversificados como contexto mundial (Guimarães et al., 2022; Henning e Bach, 2022), condições nacionais e internacionais (Ortiz-Rojo e Lacruz, 2023), e ainda o impacto social para empreender ou sobre o motivo do empreendimento (Costa, 2024; Emmendoefer et al., 2021).

Nesse sentido, uma condição atual sobre crise migratória da população venezuelana, desperta o interesse em conhecer e se estudar como esse fato potencializa a condição do aumento dos empreendimentos realizados por migrantes venezuelanos no Brasil. Nesse contexto, torna-se fundamental a realização de estudos sobre os empreendimentos desses migrantes, para explorar as características e os fatores que influenciam seu desenvolvimento.

O objetivo da pesquisa é investigar os fatores que impulsionam o surgimento de empreendimentos por migrantes venezuelanos em Boa Vista-RR. Nesse sentido, espera-se identificar as principais barreiras e desafios enfrentados por esses migrantes, além de avaliar se as condições de trabalho instáveis influenciam suas decisões de iniciar um empreendimento no Brasil.

O estudo será realizado no bairro Caimbé, na cidade de Boa Vista, capital de Roraima, estado considerado a principal porta de entrada dos venezuelanos no Brasil. Conforme os dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), a população residente de Boa Vista é composta por 413.486 pessoas, das quais 8.039 residem no bairro em questão.

Com base em dados obtidos pela Plataforma Regional de Coordenação Interagencial (R4V, 2024), em julho de 2024, havia 568.058 venezuelanos no Brasil. A escolha do bairro da pesquisa justificasse pela significativa presença de venezuelanos na localidade, que, até o ano de 2021, abrigava um centro de acolhimento da Operação Acolhida, destinado a atender essa população.

A relevância da pesquisa reside na compreensão dos impactos da precarização do trabalho na sociedade e na análise de como o empreendedorismo pode se configurar como uma opção viável para indivíduos em situação de vulnerabilidade. Sob a perspectiva acadêmica, a pesquisa é

relevante por aprofundar o conhecimento científico sobre as problemáticas já existentes, bem como sobre aquelas que emergem da crise migratória, a qual afeta de maneira particular o estado de Roraima.

O procedimento metodológico adotado neste estudo segue uma abordagem qualitativa, que inclui uma pesquisa bibliográfica fundamentada em artigos científicos, dissertações e livros clássicos sobre o tema. A coleta de dados foi realizada em duas etapas: inicialmente, foi realizada uma observação direta do público-alvo, e, posteriormente, foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com empreendedores migrantes que atuam no comércio e na prestação de serviços no bairro estudado.

O presente artigo está estruturado da seguinte forma: na primeira seção, é apresentado o embasamento teórico, que aborda aspectos relacionados ao fenômeno da precarização do mercado de trabalho. Em seguida, são discutidos os conceitos de empreendedorismo, culminando com uma análise dos contrastes entre o empreendedorismo por necessidade e o empreendedorismo por oportunidade. O artigo também inclui uma seção dedicada aos procedimentos metodológicos adotados, além da análise das entrevistas realizadas com migrantes venezuelanos. Por fim, as considerações finais apresentam as percepções dos autores sobre o tema em questão.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Precarização do trabalho e suas perspectivas

A presente seção abordará a precarização do trabalho, suas principais características e os impactos nas relações trabalhistas. Serão apresentados, por meio de conceitos e análises de autores, algumas das formas como esse fenômeno se manifestou e se expandiu nas sociedades, além dos reflexos relacionados à exploração da força de trabalho na contemporaneidade.

A precarização do trabalho começou a se consolidar com as crises do capitalismo e os modelos de produção. Vieira e Guilherme (2020) afirmam que esse processo foi impulsionado pela crise do fordismo e pela expansão do toyotismo, com sua jornada flexível, além da adoção de ideais neoliberais pelo Estado. Nesse contexto, o Estado tornou-se cúmplice do avanço desse fenômeno ao regulamentar modalidades de trabalho precárias.

O avanço da precarização do trabalho não está relacionado somente às necessidades do capital. Clementino, Mioto e Araújo (2021) destacam que, no Brasil, a crise econômica e política iniciada em 2015/2016 evidenciou um cenário de crescimento das ideias de Estado mínimo. Como resultado, foram adotadas políticas que enfraqueceram a legislação trabalhista, apresentadas por

setores políticos como uma solução econômica, mas que, na prática, contribuíram para o aumento da informalidade e da ocupação por conta própria.

A contribuição do Estado no avanço da precarização do trabalho pode ser identificada principalmente no desmantelamento das garantias trabalhistas. Da Antunes (1995, apud Silva Gomes 2019), destaca que esse fenômeno se aproveitou da fragilização e da inutilização das legislações que protegem os direitos trabalhistas para se expandir. Dessa forma, o Estado torna seus cidadãos suscetíveis à precariedade ao legalizar seu avanço, o que torna o trabalhador vulnerável ao capital.

Com o avanço desse fenômeno, a permissividade do Estado não se restringe ao desmonte da legislação trabalhista. Melges et al. (2022) indicam que o Estado se omitiu em relação às garantias sociais dos cidadãos, e que essa omissão, juntamente com a desregulação do trabalho, tem contribuído para a precarização do trabalho contemporâneo, que se caracteriza por diversas formas, entre as quais o adoecimento, a flexibilização e o desemprego.

Ao discutir a precarização do trabalho, é comum pensar somente em situações relacionadas ao local de trabalho. No entanto, cientificamente, o tema abrange tanto aspectos diretos (condições) quanto indiretos (direitos) do trabalho. Oliveira (2022) define que a Lei n.º 13.467/2017, conhecida como Reforma Trabalhista, legalizou o trabalho precário por meio do trabalho intermitente e da terceirização, o que pode estar relacionado ao aumento da vulnerabilidade dos trabalhadores.

Dentre os efeitos e fragilidades decorrentes do fenômeno da precarização, Piobelo e Mota (2022), apud Druck (2011), apontam como reflexos da precarização a vulnerabilidade na inserção e a desigualdade social, a insegurança e os problemas de saúde no trabalho, a menor identificação individual e coletiva, a fragilização das associações de classe e o desdém pelas normas trabalhistas. Essas características podem ser identificadas no mercado de trabalho brasileiro contemporâneo.

Ao longo do tempo, tornou-se cada vez mais perceptível o processo de desmonte da classe trabalhadora, por meio da revogação de direitos e garantias legais. Cerqueira (2021) afirma que, no Brasil, esse processo é visível em todos os governos desde a vigência da Constituição Federal de 1988. Embora tenham ocorrido investimentos sociais em determinados momentos, o corte de direitos trabalhistas e sociais se consolidou como uma prática recorrente.

A precarização do trabalho decorre do afrouxamento da legislação de seguridade dos trabalhadores. Piobelo e Mota (2022) argumentam que essa situação é fruto das movimentações do capital e do empobrecimento das relações de trabalho, impostos pela visão neoliberal, o que resulta

na perda de direitos trabalhistas. Assim, a perda desses direitos se configura como um fator crucial para o êxito da propagação do neoliberalismo

No entanto, as consequências desse fenômeno não se limitam ao âmbito laboral. Piobelo e Mota (2022) afirmam que o distanciamento entre a classe trabalhadora e os direitos trabalhistas contribui para o adoecimento dos trabalhadores, devido à alta exigência do mercado e às condições precárias de trabalho. Dessa forma, os trabalhadores ficam desamparados, pois a relação de trabalho flexível não assegura condições adequadas para a recuperação e o bem-estar físico e mental.

Esse fenômeno se consolida por meio da adoção de ideias neoliberais pela sociedade. Silva (2020) define que a modalidade de trabalho intermitente, prevista na Reforma Trabalhista, efetiva a precarização dos trabalhadores ao não estabelecer limitações essenciais para a garantia de um trabalho digno. Dessa forma, a legislação favoreceu o mercado ao permitir que seus agentes encontrassem brechas para suprimir os direitos dos empregados.

A atividade flexibilizada é uma das maiores formas de precarização e, ao longo do tempo, tem se tornado uma constante. Melges et al. (2022) identificam que ela se caracteriza pela permissão de redução de empregos e pela mobilidade de pessoal, extrapolando o controle institucional. Assim, essa ideia é disseminada na sociedade de forma romantizada, enquanto, na prática, representa uma estratégia capitalista de suprimir os direitos trabalhistas.

Originada a partir da flexibilização toyotista, outra característica desse fenômeno, que se consolidou ao longo do tempo tendo sido institucionalizada pelo Estado, é a terceirização do trabalho. Vasconcelos (2020) argumenta que essa prática é um método capitalista que possibilita a contratação indireta de funcionários, o que acarreta diversas práticas problemáticas por parte dos empregadores, como a inadimplência dos direitos trabalhistas.

Embora essa modalidade seja frequente no setor privado, também é comumente observada no setor público. Da Silva et al. (2020) destacam que essa prática foi adotada no serviço público brasileiro durante o período militar, visando reduzir o tamanho do Estado. Dessa forma, torna-se evidente que o Estado, além de regulamentar essas práticas no setor privado, também as utiliza para reduzir despesas com pessoal.

Diante dessas transformações no mundo do trabalho, resultantes do fenômeno da precarização, Barros, Pujol e De Araújo (2023) apontam que os indivíduos têm buscado alternativas ao emprego formal, como o empreendedorismo, como uma forma de escapar das condições de trabalho insatisfatórias. Nesse contexto, tais transformações impactam diretamente o mercado de

trabalho, favorecendo o surgimento de atividades empreendedoras motivadas pela necessidade, ou seja, precárias.

Apesar de a opção pelo empreendedorismo parecer uma alternativa para evitar a precarização, Chehab (2024), apud Lazzarato (2010), identifica que o conceito de "empresário de si" configura uma forma de servidão. Nessa modalidade, o indivíduo atua sem garantias ou direitos, o que o torna vulnerável frente ao mercado financeiro, especialmente nos primeiros estágios de suas atividades.

Contemporaneamente, a uberização do trabalho é um exemplo claro de servidão. Bianchi, De Macedo e Pacheco (2020) afirmam que esses trabalhadores se veem equivocadamente como empreendedores, quando, na realidade, iniciam uma relação de trabalho precária para suprir suas necessidades básicas, o que contribui para o aumento da desigualdade social. Assim, esse fenômeno prejudica não apenas as relações trabalhistas, mas também o desenvolvimento social das regiões.

Outra característica relevante é que certas condições, como a de ser migrante, implicam maior vulnerabilidade diante da precarização. Sendo esse um fato histórico, como exposto por Real e Nogueira (2023), em que factualmente as legislações e condições públicas de acolhimento ou expulsão de migrantes está associada a fatores econômicos e sociais referente a necessidade mão de obra para as atividades laborais do país.

Nunes e Antonello (2020) afirmam que a força de trabalho migrante, qualificada ou não, é vantajosa para os capitalistas, por gerar um excedente que contribui para a precarização laboral. Dessa forma, é evidente que os migrantes enfrentam uma vulnerabilidade ainda maior no mercado de trabalho.

A próxima seção abordará o empreendedorismo, seu desenvolvimento teórico e suas principais características. Essa análise é essencial, pois, por meio dessa estratégia, os migrantes venezuelanos que residem no bairro Caimbé, em Boa Vista, buscam alcançar melhores condições financeiras e garantir seu sustento.

2.2 Empreendedorismo: principais conceitos

A presente seção pretende apresentar os principais conceitos atribuídos ao ato de empreender ao longo do tempo. As diversas formas de empreendedorismo e sua adaptação a diferentes cenários contribuíram para a evolução de seu entendimento científico, conferindo, assim, um novo sentido ao termo "empreendedorismo".

O empreendedorismo é uma prática empiricamente secular. Hisrich e Peters (2004) apontam Marco Polo como o primeiro exemplo prático de empreendedor, uma vez que ele tentou estabelecer uma rota comercial entre o Ocidente e o Oriente, ao inovar e assumir riscos até então desconhecidos. Para mensurar cientificamente essa ação, surge na França o termo “empreendedorismo”, derivado do verbo "*entreprendre*", o que deu início às discussões sobre seu conceito.

O primeiro marco científico sobre empreendedorismo surge no século XVIII, durante o período da Revolução Industrial, sido atribuído ao economista francês Richard Cantillon. Dornelas (2014) define Cantillon como o primeiro autor a distinguir o empreendedor (que inova e assume riscos) do capitalista (que fornece o capital), um marco importante para a compreensão do termo.

As mudanças relacionadas ao empreendedorismo são diversas. Machado e Nassif (2014), apud Kirzner (1973), definem o empreendedor como aquele que possui a capacidade de identificar oportunidades, mesmo em ambientes adversos. Assim, entende-se que o empreendedorismo exige um estado de alerta dos indivíduos que se arriscam, a fim de garantir o aproveitamento das oportunidades que surgem.

Um dos principais conceitos de empreendedorismo está voltado para o campo econômico. Schumpeter (1988) define o empreendedorismo como a "destruição criativa", capaz de propiciar o surgimento de inovações em produtos ou modelos gerenciais. Dessa forma, o autor aborda a mudança das diretrizes econômicas vigentes, conforme o desenvolvimento de novos fatores mercadológicos.

O empreendedor deve possuir motivações que corroboram sua prática. Segundo McClelland (1961), o comportamento empreendedor não se resume a uma atividade econômica, mas constitui um tipo de arte e estilo de vida que visa à autorrealização pessoal. Dessa forma, a atividade empreendedora busca não apenas a realização econômica, mas também o crescimento e a satisfação pessoal.

O ato de empreender está intrinsecamente ligado às mudanças, com o empreendedor sendo propenso a idealizar e inovar conforme necessário. Drucker (1987) define a diferenciação e a inovação como instrumentos essenciais do empreendedor, ou seja, características naturais daqueles que empreendem, as quais se tornam evidentes à medida que criam tendências econômicas e gerenciais.

O fenômeno do empreendedorismo pode se adaptar a diversas situações. Low e MacMillan (1988) corroboram essa ideia ao afirmarem que o empreendedorismo ocorre em uma variedade de

contextos situacionais, frequentemente diversificados e imprevisíveis, o que impõe aos empreendedores a responsabilidade de atender às demandas específicas de sua atividade.

Como uma prática desafiadora que exige considerável esforço, Boyd e Vozikis (1994) afirmam que os empreendedores devem utilizar a autoeficácia para se tornarem habilidosos em lidar com as exigências inerentes à sua atuação. O empreendedorismo é um processo diversificado e complexo, e aqueles que se dedicam a essa prática enfrentam grandes desafios.

Em muitas situações, optar pelo empreendedorismo é uma forma de saída encontrada por indivíduos em busca de melhorias em suas vidas. Barreto (1998) descreve o empreendedorismo como a capacidade de iniciar uma ação, mesmo diante de limitações de recursos. Observa-se, portanto, o desafio enfrentado pelos empreendedores ao buscar alternativas viáveis, utilizando os recursos disponíveis, para alcançar seus objetivos. Destaca-se nesse ponto, por exemplo, o efeito da pandemia Covid-19 sobre o crescimento de empreendedores, no Brasil, durante e após esse período, conforme destacam Guimarães et al. (2022).

A assimilação dos objetivos de um empreendimento deve ser intrínseca à sua atividade. Fillion (2000) afirma que o empreendedor deve visualizar claramente o que pretende alcançar e como irá realizar esse processo. Assim, ao definir seu ramo de atuação, é fundamental que o empreendedor tenha um objetivo final bem estabelecido para o seu empreendimento.

Ao longo do tempo, empreender mostrou-se um processo dinâmico, capaz de se adaptar a diferentes situações. Faia, Rosa e Machado (2014), citando Sarasvathy (2001), definem esse processo como "*causation*" (planejamento e análise) e "*effectuation*" (exploração de oportunidades). Dessa forma, entende-se que o processo empreendedor pode iniciar tanto com o planejamento, criando uma oportunidade, quanto de maneira imprevista, ao explorar uma oportunidade já existente.

O empreendedorismo tornou-se uma prática comum no cotidiano das sociedades, corroborando a ideia de Timmons (1994), que o define como uma "revolução silenciosa", comparando-o ao impacto da Revolução Industrial no século XX. Dessa forma, entende-se que o empreendedorismo tende a se tornar cada vez mais frequente nas sociedades à medida que estas se desenvolvem e transformam. Henning e Bach (2020) corroboram esse fato considerando que fatores sociais, demográficos e de inovação contribuem para o processo empreendedor.

O ato de empreender se caracteriza, ao longo do tempo, pela busca incessante por melhorias. Dolabela (2008) define o empreendedor como uma pessoa insatisfeita com sua condição, que busca transformar essa insatisfação em oportunidades e inovações positivas. Sendo que essas condições

de alternativa para melhoria de vida se encontram mais presentes em países da América Latina (Henning e Bach, 2020). Nesse sentido, empreender é uma maneira de buscar alternativas que possibilitem melhores condições de vida e promovam inovações para a sociedade.

Os autores que contribuíram para o entendimento do empreendedorismo e cujos conceitos e definições são citados nesta seção estão classificados na Tabela 1 – Evolução Conceitual do Empreendedorismo, conforme a ordem cronológica de seus respectivos conceitos, para facilitar a compreensão da evolução conceitual do tema.

Tabela 1 – Evolução Conceitual de Empreendedorismo

AUTOR	CONCEITO/DEFINIÇÃO	ANO
McClelland	Necessidade de realização.	1961
Kirzner	Aproveitamento de oportunidades na ordem presente.	1973
Drucker	Diferenciação do empreendimento e inovação.	1987
Schumpeter	Desenvolvimento da economia mediante a inserção de novos fatores mercadológicos.	1988
Low e McMillan	Variação contextual inerente a atividade empreendedora.	1988
Timmons	Revolução silenciosa que ocupa espaços conforme o desenvolvimento da sociedade.	1994
Boyd e Vozikis	Disposição e iniciativa nos diferentes contextos da atividade.	1994
Barreto	Capacidade de se iniciar algo com recursos limitados.	1998
Filion	Definição dos objetivos e o plano de ação para alcançá-los	2000
Sarasvathy	Causation e effectuation.	2001
Hisrich e Peters	Inovação mediante assunção de riscos.	2004
Dolabela	Transformação do inconformismo em descobertas e propostas positivas.	2008
Dornelas	Diferenciação de quem assume riscos e quem fornece o capital.	2014

Fonte: Elaborado pelos autores, com base em: McClelland (1961); Kirzner (1973); Drucker (1987); Schumpeter (1988); Low e McMillan (1988); Timmons (1994); Boyd e Vozikis (1994); Barreto (1998); Filion (2000); Sarasvathy (2001); Hisrich e Peters (2004); Dolabela (2008) e Dornelas (2014).

A próxima seção abordará as contribuições teóricas de diferentes autores que buscam entender o fenômeno do empreendedorismo, com foco nas motivações que levam o ser humano a optar pelo empreendedorismo, seja por necessidade ou por oportunidade, além de discutir as diferenças entre empreender por necessidade e empreender por oportunidade.

2.2 Empreender por necessidade ou oportunidade?

A presente seção abordará as contribuições teóricas de diferentes autores que buscam compreender o fenômeno do empreendedorismo. Serão apresentadas as motivações que levam o

ser humano a optar pelo empreendedorismo, seja por necessidade ou por oportunidade. Além disso, serão explorados os conceitos de "empreender por necessidade" e "empreender por oportunidade".

Atualmente, o empreendedorismo por necessidade tem se tornado uma prática comum na sociedade. Correa e Vale (2013) afirmam que essa categoria é composta por indivíduos que veem no modelo uma oportunidade para obter ou melhorar sua renda. Assim, esse entendimento sugere que fatores como o desemprego e a baixa remuneração influenciam a decisão de iniciar um empreendimento, especialmente entre pessoas de baixa renda.

Indivíduos que empreendem por necessidade frequentemente se encontram em situações desafiadoras. Leite e Oliveira (2007) afirmam que esse tipo de empreendedorismo ocorre quando o indivíduo não dispõe de alternativas viáveis e vê na atividade empreendedora sua única chance. Esse fenômeno é particularmente comum em contextos sociais vulneráveis, envolvendo pessoas que, além da escassez financeira, enfrentam a falta de qualificação profissional.

Devido à escassez de opções para garantir a sobrevivência, esses indivíduos começam frequentemente a empreender repentinamente. Moraes e Morais (2020) afirmam que eles são impulsionados pela urgência de obter renda. Assim, é evidente que esses empreendedores não dispõem de tempo suficiente para planejar e iniciar suas atividades de maneira estruturada.

O empreendedorismo por necessidade resulta de uma série de fatores, incluindo crises sociais e econômicas. Nassif, Ghobril e Amaral (2009) afirmam que esse fenômeno pode retardar o desenvolvimento social e agravar crises já existentes. Assim, o crescimento de empreendimentos motivados pela necessidade pode ser um indicativo de complicações na situação econômica e social de uma determinada localidade.

Observa-se que os empreendedores por necessidade, além da falta de renda, também carecem de uma preparação adequada para atuar eficazmente. Silva, Istoe e Silva (2020) destacam que esses indivíduos iniciam suas atividades de maneira desordenada devido às condições em que se encontram. Assim, essas condições representam um fator significativo de dificuldade, podendo influenciar diretamente o sucesso ou fracasso de seus empreendimentos.

O Brasil, como um país emergente, enfrenta instabilidades econômicas e sociais que podem ser determinantes para o crescimento do empreendedorismo por necessidade. Guimarães et al. (2022) afirmam que essa atividade surge como uma tentativa de sobrevivência ou uma alternativa às instabilidades presentes na localidade. Assim, o aumento dos índices dessa prática tende a crescer à medida que as crises e as dificuldades enfrentadas pela sociedade se agravam.

Empreendimento por necessidade geralmente apresentam poucos casos de sucesso. Brum (2003) destaca que essa opção nem sempre deve ser considerada viável e alcançável para os indivíduos. Embora aqueles que vivem em situações de necessidade vejam o empreendedorismo como uma alternativa viável para a sobrevivência, na maioria das vezes, os resultados desejados não são atingidos.

O risco é uma condição intrínseca ao ato de empreender e varia conforme a realidade de cada empreendedor. Da Silva (2021) afirma que os empreendimentos por necessidade estão mais sujeitos ao insucesso devido às instabilidades do mercado em que atuam. Assim, a atuação de empreendedores por necessidade é mais desafiadora, e os riscos envolvidos apresentam uma probabilidade maior de se concretizarem.

A escassez de recursos financeiros é uma das principais dificuldades enfrentadas por indivíduos que empreendem por necessidade. Dornelas (2013) destaca que, na maioria das vezes, esses empreendedores são pessoas que não têm acesso a oportunidades de trabalho ou que perderam seus empregos. Dessa forma, eles iniciam suas atividades com poucos ou nenhum recurso financeiro, frequentemente de maneira informal.

O empreendedorismo por oportunidade, em contraste com o empreendedorismo por necessidade, ocorre em um contexto mais favorável, caracterizado por indivíduos com maior conhecimento e preparo intelectual e financeiro para a atividade. Marques (2020) corrobora esse entendimento ao afirmar que esses empreendedores possuem habilidades de mercado e atuam de maneira ordenada e estratégica. Esses fatores possibilitam uma atuação assertiva e o alcance dos objetivos almejados.

Os indivíduos que empreendem por oportunidade se distinguem por dispor dos recursos necessários para realizar os investimentos adequados e iniciar suas atividades. Guimarães et al. (2022) afirmam que esses empreendedores não dependem de uma única fonte de renda, utilizando o empreendimento como uma forma de obter renda adicional. Assim como indicado por Henning e Bach (2020) ambientes em que há maior poder de investimentos financeiros, promove maior número de empreendedores por oportunidade. Dessa maneira, estão menos vulneráveis às inconstâncias do mercado.

Os empreendimentos por oportunidade apresentam maiores condições de alcançar seus objetivos, e essas condições vão além da disponibilidade financeira. Bandeira e Silva (2023) observam que aqueles que iniciam um empreendimento por oportunidade possuem convicção na

atividade a ser desenvolvida, bem como a capacidade de elaborar um plano sólido para realizá-la. Dessa forma, essa prática resulta não apenas da capacidade financeira, mas também da intelectual.

O empreendedor é considerado oportunista sob uma série de condições. Vale, Corrêa e Reis (2014) definem esses empreendedores como aqueles que iniciam suas atividades por acreditarem ter identificado uma oportunidade lucrativa de negócio. Assim, esses indivíduos investem suas energias em uma atividade que consideram vantajosa para si.

Além das condições financeiras e intelectuais presentes no empreendedorismo por oportunidade, os indivíduos também podem ser motivados por fatores relacionados à autorrealização. Costa (2009), apud Klechen et al. (2007), afirma que tais empreendedores buscam independência, a possibilidade de trabalhar por conta própria e a capacidade de tomar decisões em seus negócios. Portanto, seus objetivos vão além do aspecto financeiro, abrangendo também sua realização pessoal.

A partir deste ponto, inicia-se a descrição do procedimento metodológico. Serão detalhadas as características fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa, para proporcionar um direcionamento claro, bem como a compreensão de suas finalidades e dos resultados esperados ao longo do processo investigativo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, para identificar as experiências, percepções e a realidade dos entrevistados. De acordo com De Oliveira (2008), esse tipo de estudo visa à compreensão da realidade, por buscar entender as experiências dos indivíduos, alinhando-se à finalidade de investigar um fenômeno social.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, foram realizadas buscas em materiais bibliográficos para aplicar conceitos e entendimentos obtidos a partir de artigos científicos publicados em revistas de elevado qualis, com publicações nesses periódicos nos últimos cinco anos. Além disso, foram consultadas dissertações de mestrado e livros de autores clássicos relacionados ao tema.

Gil (2008) define a pesquisa bibliográfica como essencial para garantir que o estudo seja desenvolvido com embasamento teórico e empírico. A utilização dessa técnica possibilitou a formulação das perguntas e análises presentes nesta pesquisa.

A coleta de dados foi realizada em duas etapas: inicialmente, foi realizada uma observação direta do público-alvo, durante a qual foram identificados vinte empreendimentos comerciais com

proprietários migrantes venezuelanos. Desses, apenas seis empresários concordaram em participar da entrevista, o que corresponde a 30% do total. As entrevistas foram gravadas com o auxílio de um celular Motorola Moto G23, com Sistema Operacional Android 13, e, posteriormente, transcritas manualmente pelos próprios autores para a pesquisa.

Flick (2013), revela que essa abordagem permite obter respostas diversificadas, de forma espontânea e relevante para a pesquisa. Assim, as entrevistas procuram obter informações sobre as experiências e motivações individuais dos entrevistados.

O bairro Caimbé, localizado na cidade de Boa Vista, capital do estado de Roraima, possui vinte e uma ruas e uma população de 8.039 habitantes (IBGE, 2022). No início do atual processo migratório em Roraima, o local recebeu a estrutura de um abrigo improvisado pelo governo estadual, com a transformação do "Ginásio do Ribeirão" para acolher os migrantes venezuelanos.

A escolha do público-alvo e do local da pesquisa justifica-se pela alta concentração de migrantes venezuelanos no bairro selecionado e pelo crescimento do número de negócios iniciados por eles. Esse contexto é relevante para compreender as dinâmicas do empreendedorismo migrante em condições precárias, proporcionando uma visão detalhada das dificuldades e estratégias adotadas por esse grupo em busca de inserção no mercado local.

Para identificar e acessar o público-alvo da pesquisa, estabeleceu-se contato com os migrantes que empreendem em seus respectivos locais de atuação, geralmente situados em ruas e avenidas de grande movimentação ou próximos a pontos estratégicos com presença constante de consumidores, como a Feira do Passarão.

As entrevistas foram realizadas com base em perguntas elaboradas pelos autores da pesquisa. Inicialmente, o perfil do entrevistado foi qualificado, e, em seguida, foram aplicadas vinte perguntas norteadoras que abordam seu cotidiano e sua atuação. Dessa forma, buscou-se verificar as condições relativas ao fenômeno estudado no processo de empreendimento desses migrantes.

Para a análise dos dados obtidos nas entrevistas, foi adotado o método dedutivo. De acordo com Descartes (2003), essa técnica parte de pressupostos gerais e, por meio da dedução, busca alcançar a resolução ou compreensão do problema. Assim, o desenvolvimento da pesquisa baseia-se em premissas iniciais, que serão verificadas ao longo do estudo.

A pesquisa é de caráter descritivo e tem como propósito observar, registrar e descrever o cotidiano dos migrantes venezuelanos que iniciaram empreendimentos em Boa Vista-RR. Nunes et al. (2016) afirmam que essa abordagem permite a anotação e análise dos aspectos relacionados

ao fenômeno estudado, uma vez que possibilita a verificação das diversidades e similaridades entre os entrevistados.

A próxima seção apresenta as análises dos dados obtidos nas entrevistas, possibilitando a verificação das condicionantes relativas ao público-alvo da pesquisa. Além disso, examina-se se esses fatores corroboram as perspectivas iniciais dos autores e evidenciam a precarização do trabalho como fator determinante para o empreendedorismo migrante no bairro Caimbé.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção, serão organizados e analisados os dados obtidos por meio das entrevistas realizadas com empreendedores venezuelanos do bairro Caimbé, localizado em Boa Vista/RR, com o intuito de tornar os resultados transparentes e possibilitar a verificação da correlação entre os fenômenos estudados.

Na primeira parte da análise, apresentada no Quadro 2, serão apresentadas informações relativas ao perfil dos entrevistados, como idade, sexo, grau de instrução acadêmica, tempo de residência em Boa Vista, ramo de atuação e número de integrantes da família.

Quadro 2 – Perfil dos entrevistados

Nome (fictício)	Idade	Gênero	Grau de Instrução	Tempo residente em Boa Vista	Membros na família	Ramos de atuação
Ignacio	54	Masculino	Ensino médio	6 anos	2 pessoas	Lanches
Velasco	54	Masculino	Ensino básico	3 anos	3 pessoas	<i>Insulfilm</i> e envelopamento de veículos
Florinda	48	Feminino	Ensino médio	3 anos	Vive sozinha	Salão de beleza
José	49	Masculino	Ensino básico	5 anos	6 pessoas	Restaurante
Guilherme	32	Masculino	Ensino médio	6 anos	4 pessoas	Barbearia
Esperanza	37	Feminino	Ensino médio	6 anos	7 pessoas	Bolos, doces e iogurte caseiro

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os dados de perfil coletados na pesquisa indicam que os entrevistados estão distribuídos igualmente entre duas faixas etárias distintas: quatro pertencem à faixa etária de 45 a 60 anos e dois à faixa etária de 30 a 44 anos. Indivíduos na primeira faixa etária podem enfrentar desafios relacionados à vitalidade para buscar empregos formais, o que pode ser um fator que contribui para a dificuldade de acesso a vagas de trabalho que ofereçam boas condições e valorização.

Em razão disso, observa-se uma tendência crescente de buscar a criação de negócios próprios, muitas vezes em atividades que, embora legítimas, podem apresentar características de informalidade, o que pode dificultar o acesso a benefícios e direitos trabalhistas formais, além de limitar o crescimento sustentável desses empreendimentos.

“no, no, já yo tengo cincuenta y cuatro años. Que vo hacer para trabajar a outro? Poco a poco aquí, trabajando los dos (ele e a esposa) e cobrimos los gastos de la casa, la energía, todo... y se queda, queda, y se no queda, bueno también.” cita Ignacio ao ser perguntado se teria alguma pretensão em buscar um posto de trabalho formal (Porto et al., 2025).

Enquanto aqueles enquadrados na segunda faixa etária demonstram ainda estar ativos na busca por um trabalho formal ou novas fontes de renda, a desvalorização e a falta de condições adequadas de trabalho os levam a optar por iniciar o próprio negócio, como uma tentativa de complementar a renda ou alcançar um certo grau de independência funcional.

“o cara aqui só com salário mínimo não dá pra viver não, tem que ter outra entrada, um salário só... é poco. Num da num da não, tem que ter outra entrada, entendeu?” Explica Guillermo sobre os motivos que o fizeram iniciar um empreendimento (Porto et al., 2025).

As respostas foram obtidas a partir da participação de homens e mulheres. Com base nos dados coletados, observa-se, na fala abaixo, que as mulheres entrevistadas demonstram uma maior propensão a buscar empregos, mesmo diante de condições desfavoráveis.

“trabaje como que é, diária, en casa família, en la feria de san Francisco. Trabajé casi dos años aquí También en un salon, de manicure” cita Florinda, sobre suas experiencias profissionais desde que chegou ao Brasil (Porto et al., 2025).

Os relatos a seguir, obtidos de um dos participantes do sexo masculino, podem indicar uma tendência entre os entrevistados de assumir a responsabilidade pela atividade empreendedora, a qual envolve maiores riscos e exposições.

“yo comecé trabajando como como solo en la rua. Entonces é [...] me plantio vender comida en la calle, vendia sopa en una bike. Después, yo tomé la decision de salir a vender a la feria del, daqui en la teive” afirma José ao ser questionado sobre como iniciou suas atividades laborais no Brasil. (Porto et al., 2025).

Essa condição corrobora os achados de um estudo realizado pela Agência da ONU para Refugiados – ACNUR (2020), que aponta como uma das principais justificativas para a maior

presença masculina no empreendedorismo migrante o fato de essa atividade ser caracterizada por riscos elevados e envolver exposição nas ruas.

Nenhum dos entrevistados possui formação superior ou técnica em seu currículo, e a minoria relatou ter algum tipo de curso profissionalizante ou de aperfeiçoamento. Esse fato pode ser um fator determinante para que suas atividades se desenvolvam, predominantemente, na informalidade.

Florinda, entrevistada pertencente à faixa etária de 45 a 60 anos, descreveu, em sua língua nativa, que realizou cursos de aperfeiçoamento e profissionalização em sua área de atuação (manicure, pedicure, cabeleireiro, ou seja, cabeleireiro, pedicure e manicure) na época em que ainda residia na Venezuela.

Enquanto Esperanza, entrevistada pertencente à faixa etária de 30 a 44 anos, realizou esse tipo de aperfeiçoamento já na condição de migrante no Brasil, por meio de uma organização de apoio aos migrantes e refugiados, conforme relatado a seguir:

“eu fiz curso ai no ADRA, aí eu fiz um curso de emprendimiento, aí eu leve meu emprendimiento leve meu logurt, mia... (pensativa) é sobremesa, essas coisa, aí falarom para mi que que van a facer otro curso mais de emprendimiento e ai enton era un projecto que van a dar alguna ayuda pa las personas completaron para trabaliar.” (Porto et al., 2025).

Os relatos anteriores corroboram as afirmações de Nunes e Antonello (2020), que definem a mão de obra migrante, qualificada ou não, como benéfica para o capitalista, ao gerar uma força de trabalho excedente que contribui para a precarização laboral. Essa condição torna-se evidente nas situações descritas pelos entrevistados, nas quais se observam diversas vulnerabilidades enfrentadas pelos migrantes em seus ambientes de trabalho no Brasil.

Durante as entrevistas, verificou-se que a maioria das composições familiares desses indivíduos é formada por três ou mais pessoas. É perceptível que alguns dependem exclusivamente do seu negócio como única fonte de renda familiar, enquanto outros conciliam seu negócio com outras atividades. Há também casos em que um familiar desenvolve alguma atividade ou trabalha para terceiros, contribuindo para as despesas cotidianas.

Cabe ressaltar que aqueles que possuem um núcleo familiar com menos integrantes tendem a viver exclusivamente da renda gerada por seu próprio negócio. Ignacio confirma que a renda de seu núcleo familiar provém unicamente de seu empreendimento.

Por outro lado, aqueles que possuem uma composição familiar maior podem receber ajuda financeira de outros membros da família ou desempenhar atividades complementares. Velasco,

além de atuar na aplicação de insul-film, afirma que também desenvolve outras tarefas, como operação de maquinaria pesada e mecânica, conforme descrito em sua língua nativa.

Consoante a este relato, Guillermo, entrevistado do sexo masculino e pertencente à faixa etária de 30 a 44 anos, desenvolve as atividades em seu empreendimento como uma forma de complementar a renda. Ele iniciou suas atividades autônomas aos finais de semana, conforme descrito a seguir:

“é, não eu corto cabelaria, tipo assim eu trabalho de segunda a sábado das doze hora. ai depois abro aqui, no fim de semana, e assim eu sobrevive mano.” (Porto et al., 2025).

O relato acima corrobora a visão apresentada por Guimarães et al. (2022), que definem o empreendimento como uma forma de complementação de renda, caracterizando uma das modalidades de empreendedorismo por oportunidade. Mesmo diante de certa vulnerabilidade, esses empreendedores buscam maneiras de complementar suas finanças.

Entretanto, ao responder à mesma pergunta, a entrevistada Esperanza argumenta que, além da renda proveniente de seu negócio, recebe auxílio dos demais membros de seu núcleo familiar para arcar com as despesas da casa, conforme relatado a seguir:

“não, meu marido ele também trabalha, ele trabalha de pedrero, haces servicios. hay meugero, marido da mia filha ele também trabalha. enton nos ayudamo aí no aluguel, na energia... nas contas” (Porto et al., 2025).

Conforme observado, poucas famílias de empreendedores receberam benefícios por meio de programas sociais no Brasil. Assim, essa falta de apoio pode ser um fator crucial para a percepção de escassez de amparo e preparo da maioria desses migrantes ao iniciarem seus próprios negócios. José afirma, a seguir, que chegou a receber auxílio durante a pandemia de COVID-19:

“no [...] (desconfiado) éeee, nosotros no recibimo naa, éee, yo recibí fue enquanto tiempo la pandemia, é auxilio de por la pandemia de covid então eso e, no, nem cobrar bolsa família ni [...] sabe sabe ayuda só auxilio mesmo.” (Porto et al., 2025).

Enquanto isso, Esperanza relata em sua resposta que seu esposo já foi beneficiário de programas estatais e que, devido a uma cirurgia vascular, ela está em busca de benefícios governamentais por meio do atendimento no Centro de Referência da Assistência Social (CRAS):

“é agora, agora depois que eu saí do trabalho, porque eu trabalhe en supermercado DB, quase [...] (pensativa) un ano y nueve meses aí pare porque estoy complicada, to aguardando

cirurgia vascular. E ai enton, de aí fique parada, aí casi doi meses foi que eu fui aqui no CRAS. É porque meu marido, era que estava, ele tava recebendo, mas quando ele começou trabalhar em uma firma aí tiraron pra ele” (Porto et al., 2025).

Outro ponto a ser destacado nas respostas obtidas é que, embora alguns entrevistados tenham sido empregados ou prestado serviços para outras pessoas no Brasil, a maioria já possui um histórico de atividade autônoma em seu país natal. Esse histórico pode ter servido como base para o desenvolvimento de seus negócios em Boa Vista.

José afirma que antes de migrar para o Brasil já atuava com o próprio negócio no ramo de alimentação, conforme descrito em sua língua nativa (aya en Venezuela tenia un negocio También. é comércio [...] si [...] comida También). Portanto, a expertise por atuar neste ramo em seu país natal, pode ser um fator determinante para a escolha da atividade a ser desenvolvida no Brasil.

Velasco, outro migrante entrevistado, relata que, em seu país de origem, atuou como empregado de uma empresa e também empreendeu na atividade de aplicação de insul-film. Ao chegar ao Brasil, optou por continuar nesse ramo econômico, inicialmente como empregado em uma loja, a convite de um amigo. Posteriormente, decidiu deixar seu posto de trabalho para iniciar seu próprio negócio.

“é un amigo aí que el me falo para mi, tava en la Venezuela “ei cara, quiere venir a trabaliar no brasi?” yo vi né, aí ya tenia trabaliando aqui, colocando insulfilm. en una loja de insulfilm”. (Porto et al., 2025).

Esperanza relata em sua resposta que, na época em que vivia na Venezuela, já desenvolvia atividades autônomas, principalmente no mesmo ramo de atuação que escolheu exercer como empreendedora no Brasil, conforme descreve abaixo:

“eu trabaliava también en mia casa, na Venezuela eu facia también tenia mi venda también de logurt, é hacia bolo otras cosas vendia en casa. Y en la Venezuela cuando el tiempo tava bom aí, esse negócio dava [...] mas depois [...] (pensativa) las perssoas no tenian nem para comprar um [...] hahaha (sarcástica)” (Porto et al., 2025).

Além dos casos relatados acima, existem migrantes que passaram a exercer atividades autônomas/empreendedoras apenas ao chegar no Brasil. Esse é o caso de Ignacio, que relata que, na Venezuela, atuava como trabalhador na empresa estatal Petróleos de Venezuela S.A. (PDVSA): "yo trabajaba en PDVSA".

No que diz respeito às oportunidades de trabalho ao chegar no Brasil, as respostas obtidas foram diversas. É perceptível que há aqueles que chegaram ao Brasil já com a ideia de trabalhar

por conta própria e aqueles que, antes de iniciarem seus próprios negócios, chegaram a atuar como empregados formais.

Ignacio descreve que, após chegar ao Brasil, desenvolveu outra atividade antes de assumir o próprio negócio junto à sua esposa, que atuava como funcionária dos antigos donos da sua lanchonete. Abaixo é apresentado um relato do mesmo sobre a sua situação laboral inicial como migrante:

“yo cheguei aí y ella (esposa) estaba trabalhando do outro lado (na lanchonete) y ella levo eso aí, y me dijo “você quiere trabajar aí?” um mês, como um mês, mês e médio, y yo le dije “si” entonces, compramos las cosas y a la Trabajo, yo solo aya, entan ella funcionaria aqui”. (Porto et al., 2025).

Florinda relata que, antes de abrir o seu próprio salão, exerceu diversas atividades de maneira autônoma e também trabalhou para outras pessoas, atuando como diarista e funcionária de outro empreendimento: “trabalhei em outro salão, fiz diária, fiz de tudo um pouco, trabalhei na rua, trabalhei a domicílio”.

Guillermo afirma que, no Brasil, chegou a atuar como ajudante de pedreiro e trabalhou em um lava-jato. Mesmo com o seu empreendimento ativo, ele continua trabalhando em uma loja da cidade: “trabalhava em lava-jato, depois como ajudante de pedreiro, e agora que estou trabalhando em uma loja aí”.

Esperanza, antes de iniciar o seu próprio empreendimento, viveu a mesma realidade, atuando como funcionária em um supermercado e exercendo outros tipos de atividades autônomas, antes de dar início a sua atividade atual. Conforme descreve na fala abaixo:

“eu trabalhei em supermercado DB. Eu vendia aqui también, eu trabalhe con chero, vendiendo chero, produtos de colônia é creme [...] eu trabalhe também con un brasileiro porque eu trabalhe também em casa de família, aí enton ele me ajudo a me cadastrar.” (Porto et al., 2025).

Em relação às condições de trabalho e ao tratamento recebido nas oportunidades de trabalho que tiveram no Brasil, os participantes destacam as condições difíceis e o tratamento discriminatório e humilhante em decorrência de sua condição de migrante. No entanto, observa-se que o migrante passou a normalizar essas situações, o que evidencia um efeito da precarização social.

Velasco relata que, apesar das cobranças realizadas por seu antigo patrão na loja onde trabalhou antes de abrir o seu próprio negócio, ele expressa gratidão por essas exigências. O

entrevistado, mesmo em uma situação de discriminação, considera esse tratamento como algo "positivo" ou "normal":

“por que el ensino el ritmo de trabajo de aqui, isso sim, aí fue un poco rum conmigo, duro é é, por que me decias me “tu no ta en Venezuela no, tu ta em brasil, tem que trabaliar como brasileiro, tem que trabaliar de mejor qualidade, yo quiero que você, você sabe trabaliar, pero vos yo quiero que você sea melor” ta entendiendo? Y yo agradezco mucho a ele por esso.” (Porto et al., 2025).

Enquanto Florinda descreve de forma contrária ao que relata Velasco, ela se sentia humilhada e maltratada devido ao tratamento recebido em experiências anteriores, ela relata que essas situações influenciaram sua decisão de trabalhar para si mesma. Seu relato, a seguir, demonstra que os tratamentos discriminatórios sofridos por migrantes podem, paradoxalmente, servir como motivação na busca por sua autonomia laboral:

“me senti, como é la palabra, no se como decirla, pero é como humilhada. é no ficava bom, era muy maltratada e tome la decision que eu tinha que trabalhar para eu.” (Porto et al., 2025).

Por fim, quanto ao tipo de negócio e como começaram a trabalhar para si mesmos, verifica-se com as respostas, que os entrevistados iniciaram suas atividades autônomas no Brasil em duas modalidades. A primeira modalidade é por oportunidade, onde se utilizam de empregos formais e de recursos obtido em seu país natal, como forma de gerar capital e iniciar suas atividades. É o que se verifica a seguir no relato de Florinda:

“ah, por que tenia en la Venezuela una camioneta y yo mandé a vender essa aí y trabajé casi dos años aqui También en un salon, de manicure, e ao ver que fui comprando ia mi cosas.” (Porto et al., 2025).

No que tange a modalidade por necessidade, o início de suas atividades autônomas se dá de maneira imediata e totalmente informal. O relato abaixo do participante José expõe que embora já possuísse a mentalidade de empreender, iniciou suas atividades autônomas no Brasil de maneira informal e precária, visto que esta seria única opção viável para ele:

“no porque que, en el caso polo meno, el caso que vengo de Venezuela a trabajar independientemente entiendo, entonces no tengo la mentalidad de trabajar una empresa é independiente. la determinacion en vender comida fué porque fué la opcion poi, era la opcion que tenia, é claro.” (Porto et al., 2025).

Atualmente, o empreendedorismo por necessidade tem se tornado uma prática comum na sociedade. Correa e Vale (2013) afirmam que essa categoria é composta principalmente por indivíduos que veem no modelo uma oportunidade para obter ou melhorar sua renda. Assim, esse entendimento sugere que fatores como o desemprego e a baixa remuneração influenciam a decisão de iniciar um empreendimento, especialmente entre pessoas de baixa renda.

Durante a análise dos dados obtidos tornou-se perceptível a importância experiência empreendedora no País Natal como um meio de conseguir renda e suprir as necessidades básicas dos entrevistados, assim como as experiências de trabalho no Brasil se deram em ambientes com condições precárias e discriminatórias. Na seção seguinte serão expostas as considerações finais a respeito da pesquisa e futuras pesquisas sobre o tema.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento deste trabalho acadêmico, foram abordados os contextos individuais dos migrantes venezuelanos que optam por iniciar o próprio negócio em Boa Vista/RR. Esta abordagem foi realizada mediante entrevista com os empreendedores migrantes do bairro Caimbé, o que proporcionou uma visão sólida e aprofundada acerca das características inerentes a este tipo de negócio e de seus proprietários.

As respostas obtidas evidenciam motivações e dificuldades enfrentadas por esses indivíduos. No que se refere ao desenvolvimento de suas atividades, especialmente em relação à estabilização e adaptação a uma nova sociedade, observa-se que as diferenças culturais e de valores os tornam suscetíveis a diversas condições degradantes, que ferem a dignidade da pessoa humana.

A análise de dados demonstrou as dificuldades da sociedade roraimense em integrar estes migrantes e valorizar a sua força de trabalho. Destaca-se que os fatores como a nacionalidade e a idade resultam em atos de discriminação e humilhação nos postos de trabalho, o que reforça a opção de muitos migrantes por iniciarem seu próprio negócio.

Verifica-se, ainda, que a precarização está presente no mundo do trabalho e a fragilidade dos direitos sociais no Brasil afetam as pessoas em condições de vulnerabilidade e encontram, no migrante venezuelano, inúmeras lacunas que possibilitam a propagação deste fenômeno, em decorrência do contexto de necessidade que esse grupo enfrenta em decorrência da migração.

Por fim, a presente pesquisa indica que a influência da precarização trabalhista sobre esses serviços ocorre de maneira quase que subjetiva, levando seus afetados a adotarem discursos eufemistas em diversos momentos, tais como: “ser o dono do próprio negócio” e “trabalhar para

si”, como forma de relativizar a situação degradante que os obriga a optar pelo desenvolvimento de atividades autônomas.

Dessa forma, a resposta ao problema desta pesquisa pode ser determinada pela compreensão de que a precarização do mercado de trabalho e das condições sociais está diretamente relacionada ao surgimento de pequenos empreendimentos ou ao desenvolvimento de atividades autônomas que beiram a informalidade por parte de migrantes venezuelanos em Boa Vista/RR.

Como sugestão para futuras pesquisas, recomenda-se a aplicação deste estudo em um cenário mais amplo, que contemple esses e outros migrantes empreendedores em diferentes localidades. Além disso, ressalta-se a importância de abarcar um maior quantitativo de migrantes que desenvolvam atividades empreendedoras.

REFERÊNCIAS

- ACNUR. (2020) **Desafios, limites e potencialidades do empreendedorismo de refugiados(as), solicitantes da condição de refugiado(a) e migrantes venezuelanos(as) no Brasil**. Disponível em: < <https://www.acnur.org/br/media/empreendedorismo-de-refugiados-completa-pdf> > Acessado em 20 de novembro de 2024.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**, v. 7, 1995. *Apud* DA SILVA GOMES, Jaine. **Uberização da educação: como a uberização avança sobre o trabalho docente na realidade brasileira**. 2019.
- BANDEIRA, Paulo Vitor Ribeiro; SILVA, Thiago Sousa. **Motivações para o Empreendedorismo: Necessidade e Oportunidade**. ID on line. Revista de psicologia, v. 17, n. 66, p. 190-208, 2023.
- BARRETO, L. P. (1998) **Educação para o empreendedorismo**. Salvador: Escola de Administração de Empresas da Universidade Católica de Salvador.
- BARROS, Carolyne Reis; PUJOL, Andrea; DE ARAÚJO, José Newton Garcia. **Experiências de precarização do trabalho na América Latina: migração e empreendedorismo como apostas para o futuro**. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, v. 26, 2023.
- BIANCHI, Sabrina Ripoli; DE MACEDO, Daniel Almeida; PACHECO, Alice Gomes. **A uberização como forma de precarização do trabalho e suas consequências na questão social**. Revista direitos, trabalho e política social, v. 6, n. 10, p. 134-156, 2020.
- BOYD, N. & Vozikis, G. (1994), The influence of self-efficacy on the development of entrepreneurial intentions and actions, *apud* Matos, F. M. A. D. S. **Autoeficácia empreendedora: durante o processo de gestão empresarial** (Doctoral dissertation). 2012.
- BRUM, E. **O duro país dos pequenos**. Época, 2003.
- CARMO, L. J. O.; ASSIS, L. B.; GOMES JUNIOR, A. B.; TEIXEIRA, M. B. M. O empreendedorismo como uma ideologia neoliberal. **Cad. EBAPE.BR**, v. 19, nº 1, Rio de Janeiro, Jan./Mar. 2021.

CERQUEIRA, Eder da Silva. **A legalização da barbárie: a reforma trabalhista e as novas relações de trabalho no Brasil**. 2021. Disponível em:

<https://periodicoseltronicos.ufma.br/index.php/interespaco/article/view/13289/9527>. Acesso em: 03/09/2024.

CHEHAB, Gustavo Carvalho. Servidão digital dos trabalhadores em plataformas: a intensificação e a exploração do trabalho pelo gerenciamento algorítmico. **Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 10ª Região**, v. 28, n. 1, p. 131-141, 2024.

CLEMENTINO, M. L. M; MIOTO, B. T.; ARAÚJO, J. B. (2021). “**Desenvolvimento e a urbanização deplorável no Brasil pelas lentes de Wilson Cano**”. In: SANTOS, A. Q. *et al.* (orgs.). *Wilson Cano: A questão regional e urbana no Brasil*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, Editora Expressão Popular, Abed, v. 1, pp. 265-288.

CORREA, Víctor; VALE, Gláucia Maria Vasconcellos. A dinâmica das motivações empreendedoras: uma investigação retrospectiva. **Revista Pretexto**, v. 14, n. 4, p. 11-28, 2013.

COSTA, Dyogo Reinaldo. Empreendedorismo e terceira idade na economia informal: necessidade ou oportunidade?. 2009. *Apud* KLECHEN, C. *et al.* Empreendedorismo por necessidade e a economia informal: a realidade do Shopping Popular Tupinambás em Belo Horizonte. **Revista Multiface**, v. 1, n. 2, p. 23-31, 2007.

COSTA, Henrique. Empreendedorismo popular e a economia moral da vida sem salário. **Rev. Inst. Estud. Bras.**, São Paulo, n. 87, 2024.

DA SILVA, Jarbas Nathan. **Empreendedorismo na Teoria e o Microempreendedor Individual no Brasil**. 2021. Tese de Doutorado. [sn].

DA SILVA, Jean *et al.* **Terceirização no setor público: o caso da UESB**. *Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas*, p. 161-178, 2020.

DE OLIVEIRA, Cristiano Lessa. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Travessias**, v. 2, n. 3, p. e3122-e3122, 2008.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**, 2003. Disponível em: < <http://ateus.net/artigos/filosofia/discurso-do-metodo/> >. Acessado em: 03 set. 2024. Método dedutivo <https://core.ac.uk/download/pdf/233923372.pdf>

DOLABELA, Fernando. **O segredo de Luísa**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

DORNELAS, José C. Assis. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios 5ed**, Rio de Janeiro, Elseiver, (2014).

DORNELAS, José. **Empreendedorismo na Prática: mitos verdades do empreendedor de sucesso**. Elsevier Brasil, 2013.

DRUCK, Graça. Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios? *Caderno CRH*, Salvador, v. 24, n. 1, p. 37-57, 2011. *Apud* PIOBELO, Felipe; MOTA, Daniela. A precarização do trabalho no contexto neoliberal: impactos na saúde mental. **Cadernos de Psicologia**, v. 3, n. 6, 2022.

DRUCKER, PETER F. **Inovação e Espírito Empreendedor**. Editora Pioneira. Edição 4ª. São Paulo, 1987.

EMMENDOERFER, M. L.; ARAUJO, J. F. L. E.; VALADARES, J. L.; MORAIS, M. C. A. Empreendedorismo em políticas públicas no contexto da economia criativa brasileira. **REUNA**, Belo Horizonte - MG, Brasil, v.26, n.2, p. 91-110. 2021. Disponível em: <https://reuna.emnuvens.com.br/reuna/article/view/1271>. Acesso em 09 jun 2025.

FILION L. J. Empreendedorismo e gerenciamento: processos distintos, porém complementares. **Rae Ligth**, v..7, n. 3, p. 2-7, 2000.

FLICK, Uwe, **introdução a metodologia de pesquisa**. Editora Penso, 2013.

GIL, Antonio Carlos, **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo> Editora Atlas, 2008.

GUIMARÃES, Cristiane Pereira *et al.* O empreendedorismo no contexto da covid-19: necessidade, oportunidade e solidariedade. **Pensar acadêmico**, v. 20, n. 1, p. 93-105, 2022.

HENNING, G.; BACH, T. M. Fatores que influenciam no empreendedorismo: uma análise nos países da América do Norte e da América Latina: Factors that influence entrepreneurship: an analysis in North American and Latin American countries. **Ciências Sociais Aplicadas em Revista**, v. 20, n. 39, p. 232–250, 2022. DOI: 10.48075/csar.v20i39.29158. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/csaemrevista/article/view/29158>.

HISRICH, Robert D.; PETERS, Michael P. **Empreendedorismo**, Porto Alegre: Bookman, 2004.

IBGE, **Censo Demográfico 2022**. Disponível em: <<https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/indicadores.html?localidade=5300108&tema=1>>. Acessado em 20 de novembro de 2024.

KIRZNER, I. M. Competition and entrepreneurship. *apud* H. P. V. Machado, V. M. J. Nassif, Réplica - Empreendedores: Reflexões sobre Concepções Históricas e Contemporâneas. **Revista de Administração Contemporânea**, 2014.

LAZZARATO, Maurizio. **Sujeição e servidão no capitalismo contemporâneo**. Cadernos de Subjetividade, São Paulo, n. 12, 2010. *apud*

LEITE, A.; OLIVEIRA, F. **Empreendedorismo e Novas Tendências**. Estudo EDIT VALUE Empresa Junior, 2007.

LOW, Murray B.; MACMILLAN, Ian C. Entrepreneurship: Past research and future challenges. **Journal of Management**, 1988.

MARQUES, José Roberto. **As principais diferenças entre empreendedor por necessidade e oportunidade**. 2020.

MCCLELLAND, D. C. **Achieving society**. Simon and Schuster, 1961.

MELGES, Fábio *et al.* **A nova precarização do trabalho: um mapa conceitual**. Organizações & Sociedade, v. 29, p. 638-666, 2022.

MORAES, I. A. M.; MORAIS, R. N. DE. **A importância do plano de negócios para uma gestão mais eficiente**. Ano 05, Ed. 06. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, v. 04, p. 172–181, junho 2020.

NASSIF, V. M. J.; GHOBRIL, A. N.; AMARAL, D. J. do; **Empreendedorismo por Necessidade: O Desemprego como Impulsionador da Criação de Novos Negócios no Brasil**. Pensamento & Realidade.v. 24, 2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/pensamentorealidade/article/view/7075>>

NUNES *et al.* (2016). **Pesquisa científica: conceitos básicos**. *ID on line. Revista de psicologia*, 10 (29), 144-151.

NUNES, Lineker Alan Gabriel; ANTONELLO, Ideni Terezinha. A Inserção Do Migrante Haitiano No Mundo Do Trabalho No Município De Cascavel/Pr. **Caminhos de Geografia**, v. 21, n. 78, p. 65-77, 2020.

OLIVEIRA, Krislaine Kethlen da Silva. **"A precarização do trabalho e o processo de degradação do trabalhador brasileiro"**. (2022). Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/24105>. Acesso em: 03/09/2024.

ORTIZ-ROJO, R. A.; LACRUZ, A. J. Empreendedorismo Internacional: Mapeamento Temático e Proposta de Agenda de Pesquisa. **Revista Organizações & Sociedade**, v.30, n.105, 2023.

PIOBELO, Felipe; MOTA, Daniela. A precarização do trabalho no contexto neoliberal: impactos na saúde mental. *Cadernos de Psicologia*, v. 3, n. 6, 2022.

Plataforma Regional de Coordenação Interagencial - R4V (Response for Venezuelans) Disponível em: <https://www.r4v.info/pt/brazil>. Acesso em: 31/08/2024.

PORTO, A. H. R.; FERREIRA, M. A. A.; SANTOS, D. P.; SANTOS, C. K. S. Hemeroteca de entrevistas. **Departamento de Contabilidade**. Universidade Federal de Roraima. 2024.

REAL, E. O. S.; NOGUEIRA, V. M. R. Migrações internacionais e legislações na primeira república. **Ciências Sociais Aplicadas em Revista**, v. 26, n. 46, p. 90–103, 2023. DOI: 10.48075/csar.v26i46.30821. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/csaemrevista/article/view/30821>

SARASVATHY, S. D. (2001). **Causation and effectuation: toward a theoretical shift from economic inevitability to entrepreneurial contingency**, *apud* Faia, V. D. S., Rosa, M. A. G., & Machado, H. P. V. **Alerta empreendedor e as abordagens causation e effectuation sobre empreendedorismo**. *Revista de Administração Contemporânea*, 2014.

SCHUMPETER, J. A. **A teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo, Nova Cultura, 1988.

SILVA, Juliana Aparecida Moura; ISTOIE, Sérgio Elias; SILVA, Edimara Bizerra. **Empreendedorismo: necessidade X oportunidade**. In: V Exposição - Faculdade Metropolitana São Carlos -FAMESC, 2020. Disponível em: <<https://www.doity.com.br/anais/vexpofamesc2020/trabalho/166171>>.

SILVA, Marília Cristina Ramalho da. **Trabalho intermitente como inovação de vínculo empregatício a partir da reforma trabalhista: desburocratização ou precarização das relações trabalhistas**. 2020. Disponível em: <http://repositorio.asc.es.edu.br/bitstream/123456789/2743/1/TCC%20-%20Mar%c3%adlia%20Ramalho%20-%20Vers%c3%a3o%20FINAL%20%281%29.pdf>. Acesso em: 04/09/2024.

TIMMONS, J. A. **New venture creation**. 4.ed. Boston: Irwin McGraw-Hill, 1994.

VALE, Gláucia Maria Vasconcellos; CORRÊA, Victor Silva; REIS, Renato Francisco dos. Motivações para o empreendedorismo: necessidade versus oportunidade?. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 18, p. 311-327, 2014.

VASCONCELOS, Tom. **A terceirização no setor público: o papel do instrumento fiscalizatório face à precarização do trabalho**. *Laborare*, v. 3, n. 4, p. 55-71, 2020.

VIEIRA, Claudia Vanderleia Gireli; GUILHERME, Rosilaine Coradini. Precarização do trabalho na sociedade capitalista: um resgate histórico e conceitual. *Revista de Estudos Interdisciplinares*, v. 2, n. 1, 2020.